

Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero

Maximiliano Zapata

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
maximiliano.zapata@acad.pucrs.br

Nythamar Hilário de Oliveira Jr.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
nythamar.oliveira@pucrs.br

ZAPATA, N; OLIVEIRA JR, N. H. Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero. *Revista D.:* Design, Educação, Sociedade e Sustentabilidade, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 80-91, 2017.

Data de Recebimento: 03 de dezembro de 2017

Data de Aprovação: 08 de dezembro de 2017

Editora UniRitter Laureate International Universities

2017 © Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0.

Design de moda e cultura Queer: o devir-drag como expressão de gênero

RESUMO

A partir da ontologia do design de moda, este artigo busca contribuir com o debate sobre gênero e diversidade sexual, buscando questionar e ampliar o sentido da noção expressão de gênero. Neste estudo, desenvolvemos a tese de que expressão de gênero e design de moda se equivalem enquanto objetos parciais. Na perspectiva dos estudos de Deleuze e Guattari, parte-se do pressuposto de que ambos operam num corpo em devir, seja como intervenções no corpo sexuado da drag (agenciadas pelo design de moda), ou como nas ressignificações dentro do corpo social, promovendo, portanto, rupturas no paradigma da heteronormatividade. A questão problema que conduz esta investigação é: como a ontologia do design de moda pode contribuir com o debate da visibilidade drag? Para responder a este questionamento, faremos uma aproximação entre os conceitos de objeto parcial e devires-minoritários, para posteriormente confrontá-los com os processos de subjetivação que afetam o corpo sexuado.

Palavras-chave: Design de moda; Cultura Queer; Devir-drag.

Fashion design and queer culture: The drag-becoming as an expression of gender

ABSTRACT

From the ontology of fashion design, this article seeks to contribute to the ongoing debate on gender and sexual diversity, seeking to question and broaden the meaning of the notion “expression of genre”. In this study, we developed the thesis that gender expression and fashion design are equivalent as partial objects. From the perspective of the studies of Deleuze and Guattari, it is assumed that both operate in a body in its becoming, either as interventions in the sexed body of the drag (or by the fashion design) or as in the re-significances within the social body, thus promoting ruptures in the paradigm of heteronormativity. The problematizing question that drives this research is: How can the ontology of fashion design contribute to the debate of drag visibility? In order to respond to this questioning, we will make a rapprochement between the concepts of partial object and minority becoming, so as to confront them with the processes of subjectivation that affect the sexed body

Key Words: Fashion design; Queer Culture; Drag Culture.

1 INTRODUÇÃO

Ao fechar antecipadamente a exposição acerca da diversidade sexual: *Queermuseu* - Cartografias da diferença na arte brasileira, o Santander Cultural de Porto Alegre adere às reivindicações de grupos conservadores como o MBL (Movimento Brasil Livre). A partir da construção de um discurso homofóbico e reativo às discussões sobre gênero, o grupo intitulado MBL protagoniza uma perseguição às expressões artísticas que de algum modo digam respeito ao debate do corpo e sua sexualidade. Dessa forma, temáticas como diversidade e gênero viram pautas a combater. Na prática, significa a imposição de um pensamento único com viés conservador, impondo restrições à liberdade de expressão, atingindo o campo da arte. Dentro dos eventos associados à censura, identificamos o que ocorreu com a atriz transgênero Renata Carvalho, que interpreta o personagem Jesus como uma travesti que celebra uma missa: *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*.

A apresentação artística foi cancelada em setembro de 2017 por uma liminar na justiça na cidade de Jundiaí, São Paulo. Entretanto, um mês depois, em Porto Alegre, a justiça negou o pedido de suspensão da peça. Percebe-se, de um lado, a produção de um discurso conservador, com ações concretas que procuram aniquilar as multiplicidades, diferenças, isto é, a *diversidade sexual*, por outro, uma anti-produção, a expressão de uma resistência queer. Essa resistência tem se evidenciado em setores das mídias e redes sociais, que vem abrindo espaço às travestis e drag com programas e editoriais, (veja o caso do cantor drag Pablo Vittar) inaugurando espaços de subjetividades aberto às diferenças e marcando, portanto, postura ontopolítica frente à diversidade. Assim, tendo em vista as investidas conservadoras dos referidos grupos, os LGBTQP (Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transexuais, Queers e Pansexuais) passam a ter que intensificar a luta pelo reconhecimento de seus direitos de cidadania dentro da sociedade.

Neste cenário, o design de moda tem um papel importante, pois opera em

ambos os níveis da construção da imagem, seja como restrição, seja como liberação. Dessa forma, o design pode atuar como dispositivo de linguagem que, ao projetar a expressão de gênero, promove uma dada delimitação na forma do gênero, projetando funções e expectativas em relação ao gênero definido. Desse modo, o design de moda, no contexto da cultura queer, no nível das representações, pode servir para estratificar, segmentar, identificar, liberando ou oprimindo o sujeito queer no campo social. Assim, o design de moda pode servir para a construção da expressão de diversidade e diferenças especialmente marcadas através dos artefatos, entre eles, vestuário, joias, sapatos, maquiagem, perucas etc.

Nesta investigação, considera-se que o design de moda e o gênero estão em devir, no sentido de que estão em processo permanente de transformação. Neste artigo, nosso objetivo é analisar a processualidade desse devir e como se dá o confronto no campo social deste corpo, em devir-queer, em relação aos poderes instituídos. Para Rolnik, as relações de poder não somente acontecem dentro da oposição hetero-homo, mas dentro da própria categoria LGBTQP, dentro do próprio grupo minoritário, por exemplo, entre “homossexuais afeminados” e “travestis¹” há preconceitos investidos nos discursos e atitudes de ambos os lados. Preconceito que prolifera em outras esferas da sociedade, inclusive nas universidades. Talvez a imagem que mais tenha provocado a produção de um discurso agressivo e homofóbico do MBL, tenha sido a obra da artista Bia Leite, “*Travesti da lambada e deusa das águas*” (2013), obra que expõe a homossexualidade e transexualidade infantil. A obra foi acusada de ter conteúdo relacionado à pedofilia, entretanto, o MPF (Ministério Público Federal) não confirma essa versão, expressando que essa obra não caracteriza pedofilia conforme o Estatuto da Criança e Adolescente. Nos questionamos se no caso da atriz transgênero a sistemática perseguição não seria movida pela sua identidade de gênero.

Para responder a nossa pergunta de investigação: como a ontologia do design de moda pode contribuir com o debate da visibilidade drag?

¹ (GUATTARI, ROLNIK, 204, p.95)

Dividiremos este ensaio em três blocos, a saber: 2. Foucault o filósofo Queer: o início do debate de gênero, 3. O devir-queer e 4. Processo de subjetivação queer no Editorial de Moda Marie Claire Brasil.

2 Foucault o filósofo Queer: o início do debate de gênero

O livro *História da sexualidade* (1976) do filósofo Michel Foucault, é o ponto de partida para a abordagem não naturalista da sexualidade humana. Foucault não nega os aspectos biológicos da sexualidade, porém em seu estudo foca principalmente no papel das instituições em relação à sexualidade. Foucault, com frequência, analisa os discursos em torno da construção histórica da sexualidade, e diz que a sexualidade não é: “um aspecto ou fato natural da vida humana, mas uma categoria da experiência que foi construída e que tem origens, históricas, sociais, culturais, mas não biológicas” (FOUCAULT, apud SPARGO, 2017,p.15.). Nesse sentido, o sexo não determina o gênero, já que é uma experiência própria que se dá dentro de um plano social. Assim, pessoas que fazem performance de drag queen vivenciam uma expressão de gênero que contraria a configuração heteronormativa, e, com o design de moda, constroem as formas de uma ordem social feminino/masculino.

A figura da drag é vista pelas feministas como permeada de uma estética que evoca uma feminilidade estereotipada. Segundo a filósofa Judith Butler: “expõe a própria estrutura imitativa do gênero, fazendo com que enxerguemos de um jeito novo o que consideramos natural” (BUTTLER apud SPARGO, 2017, p.44). Esse é o caso do vídeo clipe K.O. (2017), onde a cantora Pablló Vittar, quebra com a estética estereotipada da drag. Na narrativa do clipe há dois personagens um masculino e um feminino, que simulam uma luta de boxe, porém com gestos de dança e de movimentos sensuais. O boxe é um esporte de contato físico, com mais adesão pelo público masculino, assim como o futebol cristaliza elementos e formas do universo masculino. Entretanto, o que há de feminino e masculino no boxe?

A narrativa do clipe desenvolve-se em um vestiário, em uma sala de troféus, no ringe, e finalmente no chuveiro. As performances da cantora Pabblo Vittar são sem encheimentos no seu corpo, sem apliques que simulem os seios, mas ao mesmo tempo, ela usa meias de rede, botas com salto, sutiã e calcinha, maquiagem e penteados femininos. *Seu corpo em devir transita entre os gêneros*. Todo artefato agregado àquele corpo é da ordem do design de moda.

Preparada para a luta, a drag se vê frente ao amor que bate forte e nocauteia. Observa-se que, para além da plasticidade do corpo da drag, há elementos do masculino que recebem um novo sentido, ou uma *ressignificação do masculino*. O ambiente, de forma geral, exprime uma subjetividade masculinista, pois o boxe é um esporte de contato tradicionalmente entre homens, onde o contato é intenso e se dá em forma de golpes. Porém, a violência do boxe cede lugar aos jogos sensuais entre um homem e uma drag, abrindo espaço para permear o universo masculino com uma *expressão de gênero drag*, nos limites entre masculino e feminino. O nome do clipe ressignifica o vídeo game Mortal Kombat, KO é aniquilar o adversário no ringe, porém, no clipe, é o amor quem golpeia, quem faz nocaute: KO.

Neste ponto, a teoria queer ganha o seu sentido atual: questionar a classificação binária do gênero. Seria o design de moda uma tecnologia para a construção do corpo ontologicamente impregnado? Corpo impregnado seria o corpo submetido às expectativas do gênero que se lhe atribui desde seu nascimento. No caso das drag, se dá uma dinâmica de ruptura entre o gênero designado e o gênero auto-reconhecido, e o design de moda opera na construção desse gênero trans como um *Objeto parcial*. Para o filósofo Felix Guattari, um objeto parcial é um participante de multiplicidades não totalizantes: “É sempre de modo ilusório que ele se inscreve em referência a um objeto completo, como o próprio corpo fragmentado” (DELEUZE, 2010, p. 284).

3 Devir-queer e design de moda: uma construção ontológica

O que acontece quando um homem veste as roupas que são designadas às mulheres? Há, no mínimo, uma transgressão à heteronormatividade. Considera-se que o design de moda, especialmente o vestuário, são objetos transitivos e equivalem na sua dinâmica a objetos parciais, ou seja, só ficam completos na sua relação com os corpos. Uma minissaia, por exemplo, no corpo de uma mulher cisgênero (mulher que ao nascer se identifica e aceita o gênero feminino) associa-se ao feminino, no entanto, a mesma minissaia, no corpo de um homem cisgênero, ganha um sentido político, ou seja, o corpo em devir do masculino vivencia uma *expressão de gênero no feminino*.

Homens que usam roupas socialmente reconhecidas como de mulher, ou ainda que usam maquiagem e ostentam posturas femininas não são necessariamente transexuais. No caso da performance da drag, por não estar condicionada a uma mudança efetiva de identidade de gênero, a expressão de gênero aí atua como um objeto parcial. Neste caso a transexualidade seria vivenciada numa intensidade menor do que no caso de uma travesti (uma mulher transgênero).

A partir de Guattari (2010), questionamos acerca da funcionalidade ontopolítica dos objetos parciais na performance de uma drag. Por que a forma da minissaia é designada para o corpo feminino o não o masculino? Neste caso, qual seria a função ontopolítica que adquire o design de moda?

O Corpo foi o questionamento central da edição de design de moda, feita por Larissa Luchase, para a revista *Marie Claire Brasil* em Novembro de 2017, dedica à temática do corpo, sob o título: *O corpo ideal é o seu, Pablllo Vittar, Iza e Gal Costa em coro pela diversidade*. A editora convocou três mulheres: uma mulher enquanto expressão de gênero ou seja uma transgênero: a Pablllo Vittar e duas cisgênero: Iza e Gal Costa. Neste ensaio nos restringimos a uma análise ontológica do corpo da cantora drag. Corpo

que recebe os agenciamentos do design de moda. A utilização de figurinos, que se adaptam ao corpo, modelando a silhueta. Um processo de subjetivação via estética que resulta numa produção imagética que estimula o consumo, e ao mesmo tempo, promove visibilidade midiática às pessoas LGBTQP.

No nível institucional, a revista Maria Claire Brasil adere ao debate do gênero e a diversidade sexual. Abre a discussão sobre o corpo da mulher e sua representatividade política. De forma indireta, estimula um questionamento ontopolítico: o que é ser mulher na sociedade brasileira de 2017? No nível ontológico, percebe-se que há a construção de uma nova subjetividade do ser feminino, um processo de subjetivação do feminino via estética, via design de moda. O que a revista estimula é o debate acerca da *identidade de gênero*, dando amplitude ao conceito *expressão de gênero*, em outras palavras, há um repensar das “construções ontológicas de identidade²”.

A cantora Pablo Vittar, foi uma das três modelos escolhidas para a capa da revista. Ela exprime o sentido do corpo ideal, nasceu no corpo de homem, mas ao mesmo tempo, que vive em suas performance uma expressão feminina. A cantora mantém o seu nome masculino, e indica não querer mudar de sexo, mas, por outro lado, busca promover a liberação do corpo dos constrangimentos do corpo social calcado na heteronormatividade. Durante suas performances o seu corpo assume uma postura ontopolítica, um devir drag, um corpo trans feminino. Na busca da construção de uma estética drag, o design de moda opera como objeto parcial, modificando a percepção do corpo, criando uma amplitude da forma ideal do corpo das mulheres, como um grito pela diferença e diversidade. Consideramos que analisar os aspectos ontológicos da processualidade do design de moda possa contribuir para dar sentido filosófico à performance da cantora Pablo Vittar.

Para Parode (2015), o design é propriamente redutor das formas, bem como

² BUTLER, 2017, p.24.

dos materiais e conceitos. Segundo o autor, o design busca referenciais que se semiotizam junto ao campo da arte, da cultura e da filosofia]. Para o pesquisador, o design tende a jogar com os limites entre os significantes produtores de rupturas e os da funcionalidade, gerando um *estranhamento*, que tenderá intensificar as sensações do corpo: “aproximando-o da matéria e de níveis mais profundos da experiência sensorial³”, por outro lado, esse *estranhamento*: “que pode se tornar ‘norma’ e tendência depois de certo tempo⁴”; tendência onde o design de moda opera como objeto parcial, alcançado uma dimensão ontopolítica, o corpo da drag Pablo Vittar neste momento, representa a existência de milhares de mulheres trans. Nesse sentido, para esta análise não é: “indiferente saber se ele [objeto parcial] entra numa função positiva ou negativa (DELEUZE, 2010, p. 285).

4 O processo de subjetivação na Marie Claire Brasil

Ao agregar à Pablo Vittar uma identidade drag, o design de moda também agrega uma representação política de um corpo ideal feminino enquanto expressão de gênero. Uma função positiva para a visibilidade LGBTQP. Denota-se um processo de subjetivação ao questionar-se o que é ser mulher? Na *Marie Claire Brasil* em questão, vemos um homem em devir-drag e duas mulheres cisgênero exprimindo o sentido de um corpo ideal de mulher. O processo de subjetivação proposto por esta edição é um questionar, é uma ruptura que evidencia os tensionamentos sociais contemporâneos, neste caso, o da plasticidade, formas e parâmetros do corpo.

Qual é o corpo ideal? questiona-se a edição da *Marie Claire Brasil*, para responder Pablo Vittar, Iza e Gal Gosta, nas suas diferenças compartilham o sentido de: o corpo ideal é o seu. Evocando que na diversidade do corpo ideal, há o corpo de uma mulher idosa, o de uma mulher jovem e por último, uma mulher drag. No caso de Pablo Vittar, o corpo da drag rompe com:

³ PARDODE, 2015, p.146.

⁴ FABRI, 2014, p. 51.

“paradigmas da heteronormatividade e da regulação binária de gêneros, tratando a representação de identidade a partir da reiteração de imagens que revelam os limites imprecisos entre o masculino e feminino. (FABRI, 2014, p. 51).



Imagem 1: capa da edição de novembro
Fonte: Revista Marie Claire Brasil, Novembro 2017.

O que se questiona nesta edição da *Marie Claire Brasil* são os limites de produção de sentido da construção de um corpo ideal de mulher, nesse sentido nos questionamos: qual é a função do design de moda e da expressão em gênero como objetos parciais? Cumprem uma função de representatividade política, ao se agregarem a pontos de ruptura, bem como

a um discurso hegemônico. O design e a sexualidade são construções culturais. Foucault argumentava que a sexualidade não é um acontecimento natural da vida humana: “mas uma categoria da experiência humana”. Uma mulher não nasce mulher. Uma mulher torna-se mulher pela cultura. Um vestido não é feminino, ele tornou-se parte do vestuário evocando feminilidade pela cultura.

No corpo sexuado de uma drag, o devir-mulher atua como referência: “o devir corpo feminino não deve ser assimilado à categoria de mulher [...] tal categoria, aliás só existe em um campo social particular que a define, não existe mulher em si” (GUATTARI, 1984, p. 36). O devir-drag é uma componente de subjetivação que opera no sistema de gênero, ressignificando a categoria do masculino.

O Corpo de homem da Pabblo Vittar, enquanto performance, alcança um sentido feminino: a sua expressão de gênero gera um ponto de ruptura aos corpos de mulheres oprimidas, uma resposta à padronização de uma heteronormatividade compulsória, onde as “mulheres se tornam ontologicamente impregnadas de sexo” (BUTLER, 2017, p. 197).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No debate de gênero e diversidade: o devir-mulher serve como referência a outros devires sexuais, como, no caso deste ensaio, o devir-queer. A artista drag Pabblo Vittar exprime o sentido deste devir-minoritário. Nas suas performances, enquanto expressão de gênero e agenciada pelo design de moda, ela transita entre os gêneros e, assim como escreve Butler, provoca um deslocamento das expectativas do que seria ser “comum ou natural” para uma mulher e um homem. *Marie Claire Brasil*, ao escolher Pabblo Vittar, legitima a construção de um novo padrão estético de mulher. Pabblo tem um corpo ideal, assim como IZA e Gal Costa.

Para além do aspecto biológico, a construção das categorias ontológicas de

mulher se amplia: o reconhecimento de si e das pessoas legitimam os discursos, criando narrativas que venham a contestar uma visão naturalista da diversidade sexual. Neste sentido, Guattari questiona-se sobre a função do objeto parcial; isso ajuda a responder nosso questionamento de fundo: a ontologia do design de moda contribui com o debate da visibilidade drag, de forma teórica, ao analisar os devires, isto é, no entendimento, problematização, e análises dessas categorias numa dimensão ontopolítica (os devires-minoritários). No caso da Pabblo Vittar, acionamos o conceito de objeto parcial. O design de moda e a expressão de gênero como objetos parciais, no corpo da Pabblo Vittar, denotam uma função positiva, ao dar corpo e voz ao diferente, ao queer, ou na perspectiva ontológica, ao devir-queer.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DELEUZE, Gilles. A ilha deserta: e outros escritos. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- FABRI, Hécio. Transgêneros na moda: design corporal e visibilidade 'trans' na comunicação de moda. In revista dObra[s], São Paulo: Estação das letras, Vol. 8, Num. 17, mai 2015, pp. 46-54.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Ed. Graal, 2008.
- GUATTARI, Felix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PRECIOSA, Rosane. Moda na filosofia. In revista dObra[s], São Paulo: Estação das letras, Vol. 2, Num. 4, sep 2008, pp. 61-2.
- SPARGO, Tamsin. Foucault e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- VITTAR, Pabblo. K.O. (Videoclipe Oficial), Youtube, 19 abr 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3L5D8by1AtI>>, acesso em 26 out 2017.